

## 11) Aquilo que realmente precisamos

Vimos que, à luz da revelação judaico-cristã, a necessidade não é um tipo de condenação, como na religião pagã, mas o espaço em que nossa liberdade é chamada a afirmar-se; vimos que uma das principais afirmações da liberdade do homem, diante da necessidade, é o trabalho. Trabalhando, o homem "doméstica" a necessidade e se torna o sujeito, ou até mesmo, o patrão.

Um exemplo: se a necessidade do lugar nos obriga, a providenciar, nós mesmos a colheita, obviamente, diante deste trabalho não somos verdadeiramente livres. É uma necessidade que se impõe, que nos obriga, que não nos deixa outra escolha.

Contudo, através do compromisso no trabalho, a necessidade é, por assim dizer, domesticada, e o homem reencontra sua posição de sujeito e patrão diante da realidade.

No capítulo 7 sobre a humildade, São Bento cita uma expressão tirada dos atos do martírio de Santa Anastásia (e não das Escrituras, como ele diz): "O prazer traz consigo a pena e a necessidade gera a coroa" (7,33).

Isto nos faz entender que, se a necessidade é assumida, se aceita-se trabalhar nesta, esta nos procura a coroa, ou seja, a vitória, a autoridade, o domínio real sobre aquilo que sofríamos.

Porém, neste segundo grau da humildade, esta liberdade é o fruto da renúncia de fazer a própria vontade e os próprios desejos, imitando o Senhor que diz: "Não vim fazer a minha vontade, mas a vontade Daquele que me enviou" (Jo 6,38; RB 7,31-32).

As necessidades reais são a vontade de Deus, e tornando-se ocasião de obediência, mesmo em relação aos nossos desejos e prazeres, tornam-se uma ocasião de liberdade e de verdadeira autoridade. A liberdade que é, então, filial, porque a realidade necessária é assim reconhecida, aceita e assumida como dom do Pai e oportunidade para expressar-Lhe nossa confiança, nosso abandono.

Neste sentido, tudo aquilo que realmente precisamos, aquilo que nos é realmente necessário, São Bento convida-nos a pedi-lo e acolhê-lo com um espírito filial. No capítulo 33, dedicado à pobreza monástica, como renúncia a propriedade, nos diz que os monges devem "em todas as coisas necessárias esperar do pai do mosteiro," e que ninguém "possua o que o abade não tiver dado ou permitido" (33,5).

No espírito do Evangelho que a Regra quer nos comunicar, toda a necessidade relativa a nossa natureza humana, vivida na confiança, torna-se o espaço em que fazemos experiência concreta da solicitude do Pai para conosco.

Isto passa através do abade, como acabamos de ver, mas se realiza também entre os irmãos que a mesa, por exemplo, devem servir-se "uns aos outros o necessário para comer e beber" (38,6).

O que é necessário a cada um, torna-se, assim, o espaço da nossa atenção recíproca. Em todos os âmbitos, é importante que cada irmão não deva pensar naquilo que é necessário para si, mas o quanto é necessário para os outros, de modo que a ninguém falte o necessário, mesmo se cada um deva receber o

necessário segundo as próprias necessidades, segundo a medida das próprias forças, e não segundo com uma medida convencional, que cancelaria as diferenças pessoais (cfr. RB 34).

O necessário de cada um é assim, a boa medida da nossa realidade humana, uma medida da pobreza, contentamento, satisfação que cada um é chamado a aceitar para si mesmo, assim como para cada um de seus irmãos. O necessário de cada um, é a medida em que cada um de nós deve se aceitar: sou assim, preciso disso, não preciso daquilo. Nossa tendência é, muitas vezes, de não ser capazes de discernir ou aceitar, a medida daquilo que realmente nos é necessário. Existem sempre aqueles que querem mais e aqueles que querem menos daquilo que é necessário para eles. É sempre difícil ser objetivo no juízo daquilo que realmente precisamos. Por isso, São Bento nos pede para delegar tal juízo a outros além de si: o abade, a comunidade, cada irmão, ou simplesmente a Regra que estabelece ou aconselha algumas medidas do necessário, que é sempre bom confrontar-se, mesmo que nem sempre é possível respeitar literalmente.

"E para que este vício da propriedade seja amputado pela raiz, seja dado pelo abade tudo o que é necessário", São Bento prescreve no capítulo 55, e segue uma lista de roupas e pertences pessoais, não sem acrescentar que o abade deve considerar "as fraquezas dos que precisam e não a má vontade dos invejosos" (RB 55,18-21).

O necessário é aquilo que realmente corresponde à nossa necessidade humana e pessoal. O fato de limitar-se, accontentar-se, é para Bento a medida e a verdade da nossa pobreza monástica. Se trata de uma medida que se adapta a cada um, sobretudo às fraquezas de cada um, portanto, de uma medida misericordiosa, paterna, até mesmo materna; uma medida de pobreza que cuida de cada um, que o reconhece como único e como digno de uma atenção pessoal, especial para ele. Conceder o necessário, para São Bento, não significa, antes de tudo, reduzir em sentido negativo o uso das coisas, mas fazer uma ação positiva de atenção àquilo que em cada um é mais frágil.

É verdade que a Regra sabe dizer-nos: "Chega!", e muitas vezes o abade ou a comunidade devem dizer-nos diante de determinadas pretenções, certas exigências, porque existem muitas falsas fraquezas em nós, falsas necessidades, que muitas vezes não percebemos. Muitas vezes, é somente quando aceitamos de ser privados de algo – que consideramos necessário – que percebemos que, na verdade, não era indispensável, que podemos, muito bem, ficar sem.

Notamos que o limite da verdadeira necessidade não se aplica apenas às necessidades de alimento, repouso ou roupas e objetos pessoais. Aplica-se também à quantidade de trabalho. Existem trabalhos necessários, há momentos de trabalho necessário, e portanto, também de trabalhos supérfluos. No capítulo sobre o trabalho manual, por exemplo, Bento diz que os monges "da Páscoa até o dia 14 de setembro, saindo os irmãos pela manhã, trabalhem da primeira hora até cerca da quarta, naquilo que for necessário" (48,3).

O trabalho é portanto, uma forma de adesão às necessidades da realidade. O trabalho é uma forma de contato com o real, de estabilidade na condição de nossa humanidade. Trabalhar para aquilo que é necessário é, portanto, uma boa maneira

para não fugir, para não subtrair-se da realidade. A condição que o trabalho não se torne também uma fuga. Torna-se, realmente, quando se trabalha mais do que o necessário, negligenciando outras exigências de nossa vida e vocação.

Depois, há a necessidade do acolhimento, *necessitas hospitum*, que, as vezes, obriga a quebrar o silêncio noturno (42,10). Neste caso, é a necessidade do outro, do próximo, do peregrino que se impõe sobre a observância monástica do silêncio. Nada é mais necessário que as necessidades do próximo, do pobre, porque nele é o próprio Cristo que se faz necessitado, Ele que nos é, todavia, mais necessário que qualquer outra coisa.

No entanto, São Bento insiste no capítulo 66, dedicado aos porteiros do mosteiro, que ao interno deste, "se encontre todo o necessário (...) para remover os monges cada necessidade [*ut non sit necessitas monachis*] de vaguearem fora, porque, de nenhum modo convém às suas almas" (66,6-7).

Existe, portanto, uma necessidade boa e uma ruim. O mosteiro deve dispor de tudo aquilo que é necessário, a fim de que não haja necessidade de sair. A nossa relação com a realidade é, portanto, definida, e é definida pela nossa vocação, e a fidelidade à nossa vocação é aquilo que faz bem a nossa alma, aquilo que permite a nossa alma ser salva e realizada. E a nossa alma é, no fundo, a nossa humanidade em todas as suas dimensões, aquilo que nos define como uma pessoa única, criada por Deus à sua imagem e semelhança.

Isto nos faz entender como a vida que São Bento nos propõe, seja uma vida unificada na totalidade da realidade cotidiana. Aquilo que é necessário é, em última análise, aquilo que é real e verdadeiramente querido por Deus, mesmo se, as vezes, a necessidade tem uma face que não gostamos; mas se deixamos nos ajudar pela nossa vida monástica, segundo São Bento, a reconhecer a necessidade que Deus nos oferece e consenti-la, então podemos experimentar que cada necessidade é boa, cada necessidade é uma graça, um dom de Deus que converte e salva as nossas almas, tornando-as um pouco mais sí mesmas, portanto, imagens de Deus.